



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A SEXUALIDADE E SEUS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Virgínia Cavalcanti Pinto

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP: giniapinto@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho versa sobre o tratamento dado às questões da sexualidade numa Escola Estadual da cidade do Recife, no qual tentamos compreender como os sentidos atribuídos à sexualidade são construídos e disseminados nesse contexto. Contribuíram para o estudo professores, mães e alunos do Ensino Médio desta mesma escola. A sexualidade é tomada aqui como algo que transcende o corpo, sendo o seu estudo norteador pela perspectiva pós-estruturalista e, sobretudo, pela produção de Michel Foucault. É uma pesquisa de natureza qualitativa que toma o método analítico interpretativo de Foucault, em que este é compreendido como uma maneira de indagação. Foram utilizados dois instrumentos: a observação participante e a realização de entrevista de grupo focal. Na referida escola, a abordagem ao assunto sexualidade é regulada, sendo suas temáticas tratadas por um viés prioritariamente biológico. Os sentidos construídos pela maioria dos participantes e disseminados no contexto escolar sobre a sexualidade elegem como parâmetro de normatividade o que se constitui cultural e socialmente a partir da distinção binária dos gêneros feminino e masculino, ratificando a superioridade de homens sobre mulheres em diversas perspectivas vinculadas à sexualidade, não parecendo haver resistência significativa a este tipo de modelo. A naturalização destes sentidos interferem na maneira pela qual os participantes constroem e desenvolvem suas subjetividades, uma vez que os mesmos parecem se constituir de acordo com a heteronormatividade. Sexo e gênero são vistos de modo linear e cada um deles decorre de um sexo biológico natural que determinará a quem vai se dirigir o desejo deste sujeito.

Palavras chave: sexualidade, subjetividade, escola.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

Este trabalho resulta de uma tese de doutorado que problematiza os sentidos atribuídos por professores, mães e alunos do Ensino Médio de uma Escola Estadual da cidade do Recife, acerca do tratamento dado às questões da sexualidade na escola. Neste trabalho, limitaremos a abordagem ao tema, restringindo-nos a compreender a maneira pela qual os sentidos sobre a sexualidade são construídos e disseminados no contexto escolar, entrelaçando-se à construção de modos de subjetivação. Para tal, tomamos a perspectiva teórica pós-estruturalista em que a produção de Michel Foucault é adotada como referência para a construção das discussões, assim como são consultados outros autores que dialogam com este autor.

A sexualidade aqui pontuada não é tomada como algo “natural” tampouco está ancorada exclusivamente no corpo, mas o perpassa e o transcende, sendo compreendida “não apenas como uma questão pessoal, mas social, histórica e política” (LOURO, 2010, p.11). É preciso considerar que há em torno da compreensão da sexualidade uma construção de sentidos que se revela numa rede social tecida num universo cultural diversificado.

Segundo Foucault (2010) a sexualidade é um “dispositivo histórico”, ou seja, se constitui no movimento dinâmico da história, sendo uma invenção social de um determinado tempo. Sua constituição se dá a partir das construções no campo discursivo sobre o sexo que abarca os saberes sobre ele, bem como sua normatização e regulação social através das produções de verdades (LOURO, 2010).

Do mesmo modo que as idéias e demandas sobre a sexualidade se desenvolveram e se desenvolvem com o passar do tempo, a subjetividade também está atrelada a este movimento de transformações, pois as mudanças sociais repercutem na forma como intimamente cada pessoa passa a lidar com determinado fenômeno, neste caso a sexualidade. A subjetividade, então trata de uma compreensão própria de si mesmo que envolve pensamentos e emoções e, apesar de sugerir uma dinâmica interna de funcionamento, está ligada a um contexto social no



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

qual vivemos nossas experiências, as quais recebem significado a partir da cultura e da linguagem na qual estamos inseridos (WOODWORD, 2000).

Os modos de subjetivação, por sua vez, estão atrelados ao que Foucault chamou de “cuidado de si”, significa dizer que o sujeito não toma literalmente para ele mesmo aquilo que é seguido rigidamente por todos como norma social, fosse ela imposta ou institucionalizada. O cuidado de si representa o rompimento com o modelo socialmente instituído de regulação, mas, simultaneamente, cuidar de si representa um vigiar a si mesmo em função das normas instituídas (FOUCAULT, 1985).

Os modos de subjetivação possuem uma significativa relevância social, pois através deles existe toda uma produção das mais distintas maneiras de se colocar no mundo, sob os mais diversos aspectos e aqui, especialmente, sobre a sexualidade. As diferentes configurações decorrentes dos modos de subjetivação cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social mutantes (MANSANO, 2009).

Esta discussão que envolve modos de subjetivação, gêneros e subjetividade se aproxima do contexto institucional escolar, uma vez que a escola fabrica sujeitos através do modo como seus discursos de verdade são disseminados, tornando-se regulatórios a partir do que se estabelece como norma social vigente.

Nesse sentido, a produção de discursos de verdade não está dissociada do poder, uma vez que este dita a lei sobre os temas relacionados à sexualidade e, desta maneira, interferem na forma como as subjetividades são desenvolvidas. O poder, por sua vez, estabelece a regra, através da linguagem, do discurso, ou melhor, “por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra” (FOUCAULT, 2010, p. 94).

Quando nos propomos, neste trabalho, a compreender a maneira pela qual os modos de subjetivação sobre a sexualidade são construídos e disseminados no contexto escolar estamos lidando com as diversas construções dos participantes sobre o tema, a partir de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

interpretações que fazem sobre o assunto. Não se trata de uma relação linear, tampouco cartesiana de imaginar que uma interpretação resulta em um sentido específico, pois tanto o sentido como a interpretação perpassam um caminho de releituras, novas significações e que não se constrói sozinho, mas atrela-se a um campo de forças contextualizado historicamente.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que toma o método analítico interpretativo de Foucault. Esse método analisa o rigor e o sentido do homem, diferenciando-se do estruturalismo ou da hermenêutica ao evitar, em sua análise, a busca por uma significação oculta profunda e o respaldo da teoria (DREYFUS; RABINOW, 2010).

Para Faé (2004), o método analítico interpretativo trabalha com dois movimentos em oposição que apresentam duas formas de sujeição demarcadas. Uma delas consiste na tentativa de individuação das pessoas diante das exigências do poder e a outra versa sobre a tentativa de se prender cada indivíduo a uma identidade determinada. A dinâmica desses movimentos busca analisar como somos, investigando, para isso, nossas práticas de subjetivação.

Ao denominar a metodologia que vamos adotar de analítica interpretativa estamos considerando, assim como Foucault, que tudo é interpretação. Para este autor não é possível concluir uma interpretação, simplesmente porque não há o que interpretar. Tudo é desde já e sempre, interpretação, não existe um ponto primeiro a ser interpretado. Cada signo é sempre a interpretação de outro signo (FOUCAULT, 2011).

Nesse sentido, não buscamos neste trabalho um único discurso ou uma compreensão universal sobre a relação entre os modos de subjetivação e a sexualidade na escola, tampouco um discurso verdadeiro ou fundante sobre o tema, pois ao adotarmos a perspectiva interpretativa estamos considerando que toda interpretação é uma interpretação da interpretação, sendo a apreensão da realidade um produto das interpretações produzidas pelas pessoas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Contribuíram para esta pesquisa professores, mães e alunos de uma escola pública da cidade do Recife. Estes últimos cursavam os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio e possuíam idades entre 15 e 30 anos. O intuito foi reunir em grupos alunos, pais e professores para participarem de uma entrevista de grupo focal e assim dialogarem sobre a temática proposta: sexualidade na escola.

A participação dos pais na escola era um evento escasso. Tanto é que apenas dois registros foram feitos da ida de mães à escola no período do desenvolvimento desta pesquisa. Além disso, a escola parecia ser um lugar predominantemente feminino, pois os pais, homens, não foram vistos em nenhum momento. Então, nos coube abordar às mães. Mesmo assim, a diretora da escola já nos havia prevenido anteriormente que, mesmo em relação a elas, a aproximação seria difícil, pois se esquivavam da participação da vida escolar dos filhos.

À medida que os participantes aceitaram a proposta foi solicitado que os mesmos assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE que permitia o uso do conteúdo das entrevistas para análise. No caso dos alunos menores de idade foi pedido que seus pais assinassem o referido termo, mas isto não excluiu a sua própria anuência a participar da pesquisa. Os participantes foram informados que suas identidades seriam resguardadas de modo a não poderem ser identificados, assim como poderiam, a qualquer momento, desistir de participar do estudo.

Os professores pareciam estar muito desgastados com suas condições de trabalho, mas mesmo assim ressaltavam a importância da educação e o esforço que faziam para serem educadores já que, dentro de suas compreensões, ser um educador compreendia ter uma atuação mais ampla do que a de um professor, mesmo que a eles não fosse destinado o devido reconhecimento.

A escola onde o estudo foi realizado pertence à Gerência Regional de Educação Recife Sul. A escolha por essa regional atrelou-se a um contato que facilitou nossa entrada no campo – critério de conveniência (TURATO, 2008). A escolha da escola em questão teve como critério de inclusão o seu funcionamento em mais de um turno, ser de grande porte – de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

acordo com os critérios da Gerência Regional de Educação que versa sobre a estrutura da escola e o número de alunos – para favorecer nosso acesso aos participantes, assim como oferecer os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, para que tivéssemos acesso a alunos na fase do desenvolvimento da adolescência. A escolha da escola também foi definida pelo critério de conveniência, fazendo parte do estudo aquela que primeiro aceitasse participar diante de nosso convite e que atendesse aos critérios de inclusão pré-estabelecidos.

Foram utilizados dois instrumentos: a observação participante e a realização de entrevista de grupo focal. A escolha por eles ocorreu pela tentativa de abarcar de modo mais amplo possível a maneira como os participantes se relacionavam no contexto do estudo, tanto de forma particular como em conjunto, buscando observar em profundidade, as particularidades que atravessavam estas relações, assim como intervir de forma reflexiva quando necessário.

Na observação participante, o pesquisador se insere no grupo investigado, por períodos de tempo e passa a vivenciar a experiência no local do grupo estudado. Isso permite ao pesquisador compreender a organização do grupo, bem como suas relações, comportamentos, valores e crenças (CARMO; FERREIRA, 1998).

A observação participante aconteceu na escola no período de um mês, em diferentes salas de aula e em distintas disciplinas antes da realização das entrevistas de grupo focal. Estar inserida na escola e nas salas de aula sem estabelecer diálogo com os alunos causou certo estranhamento inicial. Porém, à medida que o tempo passava, eles se mostravam acostumados com a presença da pesquisadora que já não era mais estranha e sim familiar.

Para Gatti (2012), o grupo focal se refere a um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas para discutir um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal. Há, nesse sentido, o interesse no que as pessoas pensam e expressam, além de em como elas pensam e porque pensam o que pensam.

A entrevista de grupo focal consiste numa entrevista com um pequeno grupo de pessoas sobre um tópico específico. Em regra, os grupos são formados por 6 a 8 pessoas que participam da entrevista por um período de 30 minutos a duas horas (FLICK, 2009).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Optamos pela realização da entrevista de grupo focal com mais de um grupo composto por mães, professores e alunos. A o todo tivemos a composição de cinco grupos. Acreditamos ter sido esta a configuração mais rica a ser explorada, pois, entre outros aspectos, apresentou a vantagem da observação sobre as relações de poder constituídas na hierarquia entre estes participantes.

Os dados foram registrados a partir da gravação e filmagem das realizações das entrevistas de grupos focais. Os dados produzidos através destes registros foram vistos, lidos e relidos de modo que seus conteúdos fossem analisados sob uma perspectiva de rede, sendo esta tecida por práticas discursivas e não discursivas que fazem parte do contexto de questionamentos sobre a sexualidade no contexto escolar. Não existiu a expectativa, a partir desta análise, de encontrar um discurso unificado, (in)correto ou (in)apropriado sobre o tema, mas descrever os caminhos apresentados de construção de sentidos abrindo este campo para novas possibilidades.

Resultados e Discussão

Os sentidos construídos e disseminados no contexto escolar estudado atendem a uma perspectiva heteronormativa e de uma compreensão binária em torno dos gêneros e da sexualidade. Em nossa cultura o modelo heteronormativo ainda é tomado como sendo o “normal”, correto ou aceitável socialmente o que traz diversas repercussões para os modos de subjetivação dos sujeitos.

Em nossa escola de estudo há a produção de discursos que reforçam, em sua maioria, uma idéia de oposição binária, distinguindo que existem posicionamentos próprios para homens e mulheres. Tanto mães, professores e alunos compreendem que existem comportamentos que são pertencentes a cada gênero, legitimando-os, e que estes, por sua vez, são definidos a partir do sexo que se possui, numa perspectiva determinista e linear, isto é, a um sexo biológico corresponde um gênero específico e um desejo compatível com estes.

“Você cresceu aprendendo aquilo (heterossexualidade) e depois de velho, você não tira não! Você vai morrer com aquilo, a sua opinião vai ser aquela, então você vai se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

adaptar aquilo que a sociedade tá querendo? Querendo que você aprenda a aceitar, a conviver, a gostar, a amar como se isso (homossexualidade) fosse “normal”, entendeu? É muito difícil pra mim porque eu acho que o homem é para a mulher e a mulher é para o homem e tem coisas (comportamentos) que são da mulher e do homem.”

(Mãe 01 do Grupo 01)

A limitação dos lugares de gênero, construída historicamente, está relacionada aos jogos de poder que permeiam as relações entre homens e mulheres através dos tempos. A construção desse tipo de discurso está a serviço de uma cultura de dominação e hegemonia social de controle (FOUCAULT, 2010).

A disseminação dessas práticas discursivas demarca um modo de se colocar no mundo e de construir sua subjetividade, nas mais diversas circunstâncias, a partir de uma proposta de compreensão de gênero. A partir deste tipo de discurso homens e mulheres aprendem práticas que performaticamente são reproduzidas para a manutenção de um modelo de relação entre as pessoas. No que diz respeito à sexualidade, a segregação dos gêneros ratifica que homens e mulheres possuem papéis, atribuições e condutas diferentes (BUTLER, 2003).

Este ponto ainda pode ser ilustrado através do exemplo acerca da discussão sobre a prática sexual na escola. Nesta situação podemos elencar algumas passagens em que estes “típicos” comportamentos aparecem e revelam seu significado social: *“Tem meninos que não usam a camisinha e as meninas concordam que eles façam isso pelo prazer deles, só pra satisfazer o garoto para o namoro não acabar porque os meninos não gostam de preservativos”*(Aluna 01 do grupo 02).

A fala da aluna nos remete à idéia de submissão feminina diante do desejo do homem. Seu discurso reforça a idéia machista de que a mulher deve se submeter aos caprichos masculinos, pois satisfazê-lo é mais importante do que fazer isso por si mesma. Além disso, a satisfação masculina, nessa situação, parece ser uma prioridade que está acima do cuidado



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com a própria saúde da mulher, já que a relação sexual desprotegida pode acarretar malefícios à mesma.

A subjugação feminina, exposta na fala acima, aparece como uma espécie de “condição” de relacionamento com o outro, à primeira vista podendo ser compreendida ingênua e romanticamente como uma “prova de amor”. Entretanto, mais do que uma questão de afeto, parece se configurar como uma norma que se estabelece nas relações entre os jovens dessa escola:

“Por incrível que pareça é assim! Se você não pratica (sexo) você não é legal. Se você sabe que eles querem fazer sem camisinha e as meninas querem com ela (camisinha), eles é que estão certos na história. Eles acabam induzindo que é melhor fazer sem”.

(Aluno 01 do grupo 03)

Nesta relação em que meninos e meninas lidam com seus prazeres e posicionamentos sexuais, os homens parecem ganhar a luta, em que todos saem perdedores no final, pois não se protegem e um parece estar à disposição do outro. A desigualdade entre homens e mulheres no que diz respeito à expressão de seus afetos, desejos e em assumir determinada postura numa relação com o outro é afetada, ainda na atualidade, pela criação de normas sociais produzidas a partir de interesses políticos de dominação que afetam a maneira pela qual os modos de subjetivação são construídos, assim como o modo como as subjetividades são afetadas por eles.

Conclusão

A construção e disseminação dos modos de subjetivação no contexto escolar se dão de maneira a priorizar as relações binárias entre homens e mulheres, naturalizando seus comportamentos e reforçando um modelo aprendido historicamente e socialmente que prega a hegemonia do masculino sobre o feminino.

A resistência a este tipo de modelo não se apresenta de modo significativo, fato que ratifica os discursos que circulam na escola de que homens e mulheres devem seguir padrões sociais normativos de conduta, acreditando que, verdadeiramente, são pertencentes aos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gêneros masculino e ao feminino, fazendo então parte de suas subjetividades, como se as mesmas fossem resultados de uma herança e não tivessem uma dinâmica própria de construção.

Esta visão reducionista sobre os gêneros, sobre a perpetuação de modos de subjetivação, contemporaneamente questionáveis, e sobre a construção das subjetividades dos que fazem parte do contexto escolar, sobretudo os alunos, é uma realidade que restringe significativamente a expressão da singularidade das pessoas que parecem não se apropriar de suas condições de sujeito que assumem posições críticas em âmbito pessoal, social e político.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARMO, H.; FERREIRA, M. M. **Metodologia da investigação guia para a auto-aprendizagem**. Lisboa, Ed. Universidade Aberta. 1998.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FAÉ, R. A genealogia em Foucault. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, set./dez. 2004.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa**. São Paulo: ARTMED, 2009.

FOUCAULT, M. (1970) **A ordem do discurso**. 21ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 2011.

_____ **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2010.

_____ **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2012.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LOURO, G.L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MANSANO, S. R. V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, n.8 p. 110-117. São Paulo. Fev. 2009.

NARDI, H.C; QUARTIERO, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. In: **Sexualid, salud y sociedad**. Revista latinoamericana. ISSN 1984-6487/ n.11 p. 59-87. Ago. 2012.

TURATO, E. R. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa**. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WOODWORD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.